

Uma visão íntima de uma das personalidades mais fascinantes de nosso tempo

UMA VISITA A ALBERT SCHWEITZER

John Gunther

Autor de "O Drama da América Latina", "O Drama da Europa" e outros livros.

A ALDEIA de Lambaréné fica no rio Ogo-we, 64 quilômetros ao sul do Equador, na África Equatorial Francesa. A região lembra o princípio do mundo—nuvens, rio e floresta se fundem numa paisagem que parece literalmente antediluviana, como o próprio



não é fácil conhecê-lo. É um "homem completo" como Leonardo da Vinci e Goethe foram homens completos.

Seguiu quatro carreiras diferentes—Filosofia, Medicina, Teologia e Música. Escreveu livros eruditos sobre Bach, sobre Jesus e sobre a his-

Schweitzer a descreveu. A maior parte do ano o ar é como vapor que se desprende de um nevoeiro verde.

Tal o cenário de uma das mais famosas iniciativas missionárias do mundo—o hospital do Dr. Albert Schweitzer na floresta.

Schweitzer é, incontestavelmente, um grande homem—um dos maiores da nossa época ou de qualquer época. Dada a sua elevação e a multiplicidade de aspectos de sua personalidade,

tória da civilização, e é a maior autoridade do mundo em estrutura de órgãos, sendo ao mesmo tempo um dos mais famosos organistas vivos. O Dr. Schweitzer conhece também—mais a fundo do que muitos homens que dedicaram a vida a essas questões—Estética, Zoologia Tropical, Antropologia e Agricultura; e é perito carpinteiro, pedreiro, veterinário, construtor de barcos, dentista, desenhista, mecânico, farmacêutico e

neiro. É, com efeito, um homem completo!

Para tornar compreensível a carreira de Schweitzer em Lambaréné, precisamos retroceder às origens. Nascido na Alsácia, em 1875, Alberto Schweitzer foi uma criança doentia, em contraste com a fenomenal robustez que adquiriu depois. Além disso—mais estranho ainda—custou para aprender a ler e escrever e foi um estudante medíocre. Por isso é que, depois de crescido, se impôs dominar assuntos que lhe fôsem particularmente difíceis, como o hebraico.

Em música foi um autêntico prodígio. Compôs um hino aos sete anos, começou a tocar órgão aos oito, quando suas pernas mal alcançavam os pedais, e aos nove anos serviu de substituto do organista efetivo numa cerimônia religiosa.

Logo que se fêz homem começou a exercer paralelamente três das suas quatro vidas profissionais. Estudou Filosofia na Universidade de Estrasburgo e conquistou o primeiro doutorado com uma tese sobre Kant. Estudou Teologia, e em 1900, aos 25 anos, tornou-se pároco da Igreja de São Nicolau, em Estrasburgo. Estudou a teoria da música e começou sua carreira como concertista de órgão. Aos 26 anos, tinha diplomas de doutor em Filosofia, Teologia e Música. Enquanto isso começou a escrever uma série de livros, que nunca cessou.

Depois, com 30 anos, largou abruptamente suas três carreiras para

estudar Medicina e partir para Lambaréné para o resto da vida como missionário-médico.

Por que Medicina? Êle mesmo explica: porque estava cansado de palavras e queria ação. E por que Lambaréné? Porque era um dos lugares mais inacessíveis e primitivos de toda a África, um dos mais perigosos, e porque lá não havia médico.

Parentes e amigos procuraram dissuadi-lo, mas êle respondeu que se sentia obrigado a “dar alguma coisa em troca” da felicidade de que gozava. Estava obedecendo literalmente à palavra de Jesus: “Qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim . . . êsse a salvará.” E como pregava sempre que “os idealistas deviam ser moderados nos seus propósitos”, Schweitzer tinha plena consciência das dificuldades que ia enfrentar.

Dedicou-se ao estudo da Medicina de 1905 a 1912 e, finalmente, com 38 anos de idade, terminou o curso. Êsses anos foram os mais difíceis e fatigantes da sua vida. Um curso de Medicina já é por si só uma coisa que exige muito esforço; pois, ainda assim, êle arranjou jeito de continuar ensinando Filosofia, prosseguiu nas suas atividades como pároco da Igreja de São Nicolau, começou a trabalhar numa edição definitiva da música de órgão de Bach, enquanto dava concertos de órgãos incessantemente.

Casou-se em 1912. Sua esposa, judia, filha de um conhecido historia-

dor de Estrasburgo, aprendeu enfermagem para poder ajudá-lo na África. Quando chegaram a Lambaréne, em 1913, encontraram condições tremendas . . . como aliás ainda é o caso. Cada palmo de terra habitável da região tem de ser conquistado à floresta gigantesca, que é densamente povoada de animais hostis, como pítons e gorilas. Os rios são infestados de crocodilos.

Albert Schweitzer construiu seu hospital do nada, praticamente com as próprias mãos. Uma vez, teve que mudar e reconstruir todo o hospital porque as velhas cabanas eram pequenas demais para conter a sua crescente clientela. Nem sempre era fácil lidar com os pacientes africanos atacados de tôdas as doenças, desde lepra até elefantíase. Uma das biografias de Schweitzer informa que, às vezes, êles comiam os unguentos receitados para afecções da pele, bebiam de uma vez um vidro de remédio destinado a durar semanas ou tentavam envenenar outros internados. Depois da morte de um paciente que chegou tarde demais ao hos-

pital, Schweitzer tornou-se suspeito de ser um leopardo disfarçado, e tirava vidas intencionalmente.

Uma vez êle se deixou cair numa cadeira e gemeu:

—Que imbecil eu fui de vir para cá tratar de selvagens como êstes!

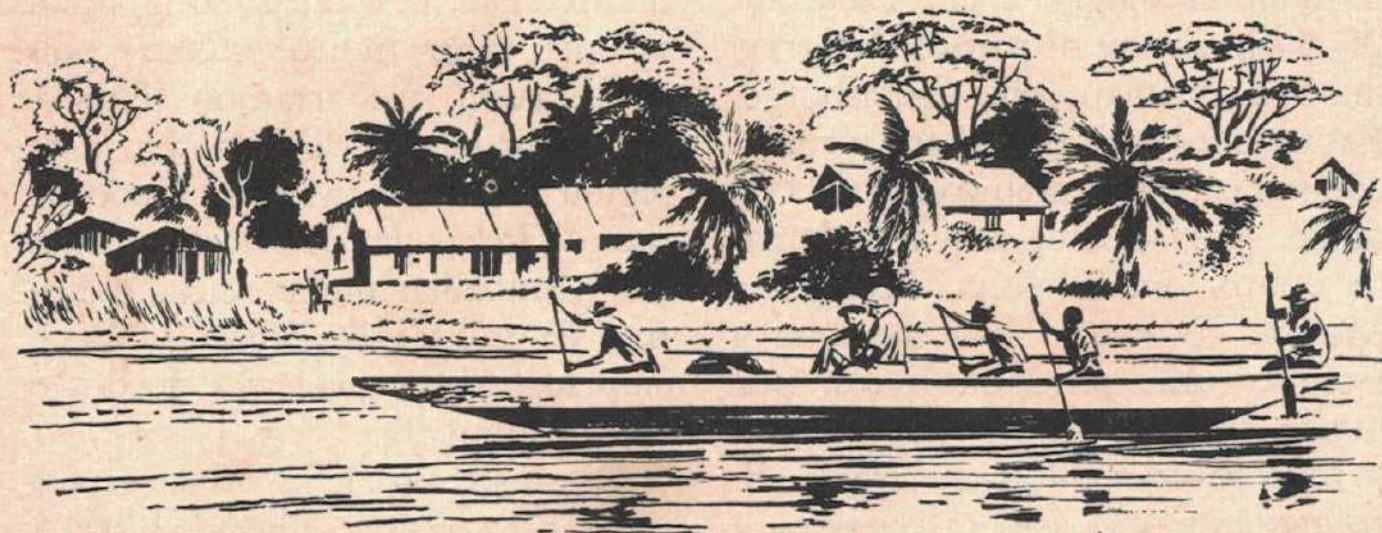
Seu fiel intérprete africano respondeu:

—É mesmo, doutor, aqui na terra o senhor é um grande imbecil, mas no céu não.

Apesar de tudo, Schweitzer gostava de Lambaréne, e gosta ainda.

Atualmente, não é muito difícil chegar até Schweitzer: a Air France mantém uma linha regular com muitas paradas, que toca em Lambaréne várias vezes por semana. Eu e minha mulher desembarcamos no aeroporto e fomos recebidos por Miss Emma Haussknecht, uma enfermeira alsaciana que trabalha com Schweitzer desde 1925. É uma espécie de gerente-geral da instituição e serve o doutor como intérprete, do francês ou do alemão, para o inglês.

Depois de nos conduzirem às nossas acomodações, Miss Haussknecht



levou-nos por um caminho enlameado, através do mato e por entre árvores frutíferas, em direção à nova aldeia de leprosos que Schweitzer está construindo. Finalmente, perto de uma clareira, o próprio Schweitzer veio ao nosso encontro. Tem um vigoroso nariz aquilino, bigode grisalho pendente e olhos que fitam realmente a pessoa. É de compleição robusta e usava um capacete para proteger-se contra o sol, camisa branca aberta no peito, calças remendadas e grossos sapatos pretos. Fôrça, repouso, domínio e sensibilidade, tôdas estas características se refletem na sua fisionomia orgulhosa, sulcada e penetrante. É um rosto magnífico, e êle é um homem de aspecto maravilhoso.

Schweitzer conduziu-nos até à aldeia de leprosos, onde vivem os doentes mais graves. Aí o velho doutor imediatamente entrou em ação dando ordens a uma turma de trabalhadores. Schweitzer começa e termina cada dia com essa ocupação. É preciso que *alguém* se incumba disso. Os leprosos não estavam tão

O MUNDO de hoje conta com bem poucas personalidades que possam ser consideradas valores decisivos para os destinos da humanidade, espíritos capazes de colocar o exemplo de suas próprias vidas como garantia máxima de que outros processos e outros métodos, em tudo diferentes dos que estão sendo usados por tôda a parte, possam ser adotados na solução dos problemas internos e externos de diferentes povos.

Albert Schweitzer é um dêsses raros. Favorecido desde o berço com um ambiente de paz e de felicidade na casa paterna, cercado em sua mocidade de um prestígio capaz de desnortear outros jovens que não o bem humorado e discreto estudante universitário, era bem o tipo de uma vida de elite que podia fãcilmente ter procurado nos requintados centros de cultura da Europa uma glória cômoda e fãcil.

Não estava, porém, no seu espírito viver assim. Se a inteligência ardia por uma realização amp̃a e forte da vida, o coração firme e audaz adivinhava a grandeza da missão que o destino lhe reservara. Voltava os olhos para a África, vendo na miséria das selvas o mesmo mundo infeliz e desamparado que cativara para sempre o coração generoso do bravo Livingstone. Era lá que estava o campo de batalha onde o seu profundo ideal humanista encontraria necessária e oportuna aplicação.

—Pedro de Almeida Moura, professor da Universidade de São Paulo, no prefácio ao livro de Albert Schweitzer *Decadência e Regeneração da Cultura*, Ed. Melhoramentos, 1948.

doentes que não pudessem trabalhar; era apenas preguiça e dormência, devido ao tédio e à indiferença. Schweitzer encaminhou-se para o meio dêles com grunhidos explosivos e exortativos. Êle mesmo pegou numa pá e começou a entoar uma espécie de cantilena para marcar o compasso do trabalho de escavações:

*“Allez-vous OPP! Allez-vous OPP-
upp-OPP! Hupp, upp, OPP!”*

O hospital surpreende alguns visitantes, que esperam um asséptico recanto de tranqüilidade, espiritualidade e vida extramundana. Na realidade êle parece aquilo que realmente é—uma aldeia nativa. Os pacientes vêm de grandes distâncias, muitas vezes com as famílias.

O acampamento está situado numa pequena elevação e tem 45 ou mais construções, tôdas simples e funcionais. O hospital conta entre 350 e 400 pacientes africanos e 75 auxiliares africanos remunerados, alguns dêles leprosos. (A lepra é provàvelmente menos contagiosa do que a tuberculose.) Não há caminhos nem estradas calçadas. Não há água corrente, nem eletricidade a não ser na sala de operações, e não há raios X.

Parece haver em tôrno maior número de animais do que de seres humanos. O hospital tem cêrca de 150 cabras, e há tôda a espécie de criaturas, como periquitos e um filhote de mandril. Perto do salão de jantar há um porco selvagem numa jaula e um macaco acorrentado a uma árvore. Quatro graciosos antílopes vivem num tôsco cercado de arame; o doutor lhes dá de comer tôdas as noites depois do jantar.

O que parece corresponder à principal enfermaria do hospital é uma longa estrutura de um andar, dividida em quartos estreitos e escuros, cada um dos quais dá para um pátio. Os pacientes estão deitados em jiraus cobertos de esteira. Do lado de

fora de cada porta arde uma pequena fogueira fumacenta, onde a família do doente prepara a comida. É bom manter essas fogueiras acesas, pois afastam os mosquitos e assim diminuem a incidência da malária e da moléstia do sono. Quando o paciente não tem família e não está em condições de poder êle próprio cozinhar, torna-se um problema. Os enfermos em geral não aceitam comida de ninguém que não pertença à sua tribo, com mêdo de serem envenenados.

Schweitzer já salvou milhares de vidas, o que é tanto mais extraordinário quanto há a considerar o primitivismo e a pobreza de seu equipamento. Que eu visse, não há qualquer espécie de mecanismo para esterilização de ataduras sob pressão; é preciso ferver água sôbre fogueiras de lenha. Durante anos, houve falta de drogas e ataduras. Todo o alfinete de segurança é precioso. Coisas que se consideram normalmente parte integrante de um hospital são objetos de assombro, quando existem.

Disseram-me que Schweitzer não gosta de complicadas invenções modernas. Para começar, a sua manutenção é difícil num clima tropical. Que adianta ter sacos de água quente, se apodrecem numa semana? Além disso, êle quer que os africanos se sintam à vontade, em circunstâncias que lhes dêem a impressão de estarem em casa.

Uma manhã espiamos para dentro da sala de operações; era espantoso que do pátio se pudesse olhar direta-

mente lá para dentro. Sobre a mesa estava um paciente nu, com mercurocromo escorrendo do abdome. O médico que fêz a operação—uma hérnia comum—foi almoçar uma hora mais tarde. Não tivera tempo de lavar-se completamente e sentou-se à mesa em mangas de camisa, com os braços ainda rubros de mercurocromo. Não quero dizer com isso que a cirurgia no hospital de Schweitzer seja rústica ou incompetente. Ao contrário, é cirurgia de alta classe.

A vida do hospital gira em tórno de uma área descoberta, e sempre cheia, perto do salão de jantar. Há um vaivém de africanos, carregando seus produtos em carretas primitivas. Mulheres agachadas no chão amarram fôlhas de palmeira para cobertura de casas, outras trabalham em máquinas de costura numa varanda, e outras ainda passam roupa com primitivos ferros cheios de brasas. O doutor anda de um lado para outro no meio dessa ordenada animação, providenciando para que todos trabalhem. A atividade é extraordinariamente intensa.

Embora não seja imposta francamente, a disciplina no hospital é bastante rigorosa. Se ocorre algum distúrbio, os litigantes são chamados ao gabinete do Dr. Schweitzer, um de cada vez. Com os olhos fechados, o doutor lhes diz qual é a sua ordem: “Faça isto” ou “Não quero mais aquilo”, sem permitir desculpas ou explicações.

Por vêzes, Schweitzer chega a ser ditatorial, afetado e irascível. E por

que não? Se não tivesse defeitos, seria intolerável. Por outro lado, há ocasiões em que tem um encanto mágico, e é literalmente adorado pelos seus velhos companheiros. Seu riso—quando ri—é uma impressionante indicação da sua doçura interior. É um riso resplendente, um riso cristalino.

O chefe da clínica de Lambaréné é húngaro (Schweitzer, aos 79 anos, já não exerce tão ativamente a Medicina); outro é um dos sobrinhos de Schweitzer. As enfermeiras, tôdas européias, parecem tão tímidas, devotas e afastadas do mundo exterior como freiras. Uma delas me disse que gozam geralmente de boa saúde, mas que apanham malária com mais facilidade quando ficam muito cansadas, depois de tratarem pacientes europeus, porque êstes precisam sempre de mais cuidados do que os africanos. (Os europeus vêm, na maioria, de acampamentos de lenhadores das proximidades e têm acomodações separadas no hospital.) Diga-se de passagem que Schweitzer nunca viu um caso de apendicite num africano e o câncer é praticamente desconhecido.

A atitude de Schweitzer para com os africanos é um misto de benevolência, perplexidade, irritação, esperança e desespero. São tantos os desamparados, tantos os que não têm o menor senso de responsabilidade, ou prazer na realização. Diz êle que os africanos não têm absolutamente nada que fazer depois que terminam o trabalho à tarde, mas que nunca

lhes ocorre pescarem no rio . . . embora precisem de mais proteína. Se aprendem alguma coisa, afluem imediatamente para as cidades e procuram ser estenógrafos. Entretanto, êle, Schweitzer, não consegue encontrar um bom carpinteiro, nem mesmo um homem para cuidar do pomar.

—Eu sou o único camponês!— disse-nos êle, batendo no peito.

Schweitzer cultivava quase tôdas as espécies de frutas. Mas devido a uma arraigada superstição nativa, segundo a qual um homem que planta uma árvore frutífera morre antes que ela dê os primeiros frutos, tem sido obrigado a plantar e tratar a maioria das árvores com as próprias mãos. Uma das coisas de que mais se orgulha é de haver tornado Lambaréné um lugar praticamente auto-suficiente em matéria de alimentação.

São fãcilmente desculpáveis suas irritações com os africanos que, por estupidez ou preguiça, não o ajudam a cuidar das suas árvores. Disse êle:

—Eu ponho aqui uma manga, ali uma banana, mais além uma frutapão. Os africanos não sabem distinguir uma árvore da outra. Explico-lhes. Êles se afastam e, quando chegam ao rio, passados dez minutos, já esqueceram.

Tive a impressão de que êle não acredita muito na capacidade dos africanos—pelo menos nos da sua zona—para um govêrno autônomo. Detesta a opressão e acredita piamente na fraternidade do homem. Mas tem pouco contato direto com

muitas das violentas tensões da África moderna e sua ânsia de progresso político.

Estávamos sentados no jardim em caixotes virados, discutindo sôbre êstes e outros problemas. Passavam rapazes carregando baldes d'água. Um dêles caminhava lentamente e o doutor voltou-se para êle com um apêlo resignado e exasperado:

—*Voulez-vous marcher? VOULEZ-vous!*

Um segundo depois, êle nos dizia que a única maneira de chegar ao africano era “pelo coração”.

Às refeições, Schweitzer senta-se no centro de uma longa mesa, com os convidados de honra em frente. No momento de começar a refeição, diz uma breve oração em francês; logo depois do jantar (nenhuma refeição dura mais de meia hora), anuncia em voz estentórea um hino, e são distribuídos livros de hinos. Marcha então para um minúsculo piano, numa das extremidades da sala, e toca brevemente, mas com grande vigor e precisão, enquanto os demais presentes cantam. Depois volta para seu lugar na mesa, inspeciona uma lista de textos bíblicos, abre bruscamente uma Bíblia e lê algumas linhas.

Schweitzer é um conversador extremamente incisivo, vivo e autorizado, mas raramente fala durante as refeições. A explicação, perfeitamente válida, é que está muito cansado.

Depois do jantar, os médicos e as enfermeiras reúnem-se em um canto da longa sala e tomam chá de canela.

Uma noite Schweitzer nos fêz companhia até depois das nove horas. Ao sair da sala de jantar, enche os bolsos de pedacinhos de comida para dar aos antílopes. A seguir—depois que desce o silêncio sôbre o resto do acampamento—êle trabalha até meia-noite ou mais tarde ainda escrevendo ou respondendo cartas. Uma vez assombrou os guardas da Alfândega de Bordéus ao embarcar num navio com alguma correspondência que não fôra respondida. Enchia quatro sacos grandes.

Quando partiu para a África, Schweitzer pensou que estava abandonando para sempre as coisas que lhe eram mais caras—a arte e o ensino. Mas sempre teve um piano consigo na África e assim pôde manter em dia a sua música. Depois da Segunda Guerra Mundial, suas gravações de Bach em órgão (feitas durante umas férias que passou na Europa) têm obtido grande êxito artístico. Cada vez que volta à civilização, faz uma longa série de conferências, e tem sido homenageado por universidades sem conta. Além disso, trabalhando à noite, tem conseguido manter uma produção literária constante. O ano passado, foi-lhe conferido o prêmio Nobel de Paz de 1952.

Tem um penetrante sentido de valores e um bom e sarcástico senso de humor. Quando visitou os Estados Unidos, pela primeira e única vez, em 1949, para assistir ao Festival de Goethe em Aspen, Estado de Colorado, mostrou-se muito lisonjea-

do com a atenção que mereceu dos fotógrafos da imprensa.

—Que é isso?—exclamou êle.— Vocês com certeza estão pensando que eu sou tão importante como um campeão de boxe!

Na última noite que passamos no hospital, fomos convidados, depois do jantar, para acompanhar Schweitzer aos seus aposentos. Êle ocupa um pequeno quarto de dormir e um escritório contíguo. Aí se encontra uma incrível miscelânea de livros, papéis, mantimentos, ferramentas—havia um serrote atravessado sôbre um monte de manuscritos—latas vazias, pilhas de música e peças de carpintaria. Quando acaba de escrever um capítulo de um livro, prende as páginas com um cordão e pendura-as atrás de sua escrivaninha, “como um saco de faisões”. (Não se podem usar *clips* de metal em Lambaréné; enferrujam imediatamente.)

Schweitzer conduziu-nos até ao seu famoso piano equipado com pedais de órgão. É forrado de zinco para protegê-lo contra a umidade incessante e contra o cupim; pesa três toneladas e foi-lhe oferecido pela Sociedade Bach, de Paris. Dava a impressão de estar magnificamente desafinado. Schweitzer, eu e minha mulher sentamo-nos em uma banquetta—não havia realmente outro lugar onde sentar—e êle tocou um pouco de Bach. No dia seguinte acompanhou-nos até ao aeroporto, mas aquêle breve recital noturno foi o último toque pessoal, a autêntica cerimônia de despedida no estilo

Schweitzer. Não tocou especialmente para nós. Êle toca tôdas as noites, principalmente quando tem os olhos cansados. Disse há pouco tempo a um visitante: "Toco para os meus antílopes."

Mas foi um fascinante privilégio

ouvi-lo tocar, e essa imagem dêle, sentado ao velho piano maltratado, no meio da floresta silenciosa e ameaçadora, é que eu guardarei melhor— a imagem daquele velho e irascível Bismarck do espírito, dêsse tirano com coração de ouro.

Legendas de Caricaturas

EMPREGADA de escritório à colega:—Mas é tão cansativo! A gente tem de parecer inteligente para conseguir um emprêgo e estúpida para arranjar um marido!

—Jo Fischer, Chicago Sun-Times Syndicate

A ESPÔSA para o marido, que contempla a beldade de maiô:—Eu só queria ver a pia da cozinha dela. Garanto que está bem fornida também.

—George Hamilton Green, em *Collier's*

MÉDICO para a matrona gorducha:— . . . e pare de fazer refeições. A senhora já se está alimentando bastante *entre* uma refeição e outra.

—Irving Roir, em *PM*

O MARIDO para a espôsa, que vai tirar o retrato dêle e do filho que está cursando a faculdade:—Não ficaria mais natural se êle saísse com a mão no meu bôlso?

—Don Tobin, em *The Saturday Evening Post*

VENDEDOR de aparelhos de televisão de segunda mão ao freguês:— Êste aqui era de um casal de velhos que sempre ia para a cama antes das 9 horas.

—Lichty, Field Enterprises

MATRONA, deixando o guichê do pagador, à amiga:—Por isso é que eu gosto de bancos: nunca perguntam o que a gente vai fazer com o dinheiro.

—Franklin Folger, "The Girls"

PATRÃO à nova secretária:—Em resumo, Sr.^{ta} Finch, o que a senhora terá de fazer é tomar ditados, atender ao telefone, arquivar umas coisas e continuar solteira!

—Lichty, Field Enterprises

MARIDO provando o prato que a espôsa preparou:—Que é que isso leva, querida? Pode ser que eu o tenha de descrever para algum médico.

—Goldstein, em *The Saturday Evening Post*

A ESPÔSA, queixando-se ao marido caseiro, confortavelmente instalado:—Nós nunca vamos a lugar nenhum. Estamos sempre em casa; puxa, *vivemos* praticamente aqui!

—Fred Neher, Consolidated News Features